

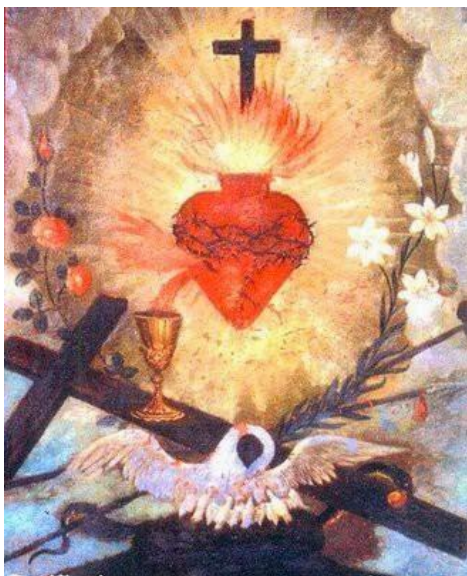


Sociedade das Ciências Antigas

**QUADRO DAS DIFERENÇAS ENTRE
O CRISTIANISMO E A IGREJA,
SEGUNDO
LOUIS CLAUDE DE SAINT-MARTIN**

POR

JEAN-MARC VIVENZA



"Muitos são os membros, mas um só o corpo"
I Coríntios 12:9

A primeira comparação neste quadro das diferenças versa sobre a noção de religião: “O catolicismo, que leva corretamente o título de religião, é a via probatória e de trabalho para se chegar ao cristianismo. O cristianismo é uma religião de libertação e liberdade. O catolicismo é o seminário do cristianismo, é a região das regras e da disciplina do neófito”¹.

Depois, observa-se a não universalidade de uma religião que se apresenta como tal, devendo o cristianismo levar a fé não só a todo mundo visível como também ao mundo invisível.

“O cristianismo preenche toda a terra com o Espírito de Deus. O catolicismo só preenche uma parte do globo, ainda que seu nome o apresente como universal. O Cristianismo leva nossa fé até a região luminosa da eterna palavra divina. O catolicismo restringe essa fé aos limites da palavra escrita ou das tradições”.

O cristianismo nos mostra Deus sem que o vejamos, enquanto que a religião, por suas formas e fórmulas litúrgicas e cerimoniais, O torna opaco, mascara-O e oculta-O da nossa vista.

“O cristianismo dilata e amplia o uso de nossas faculdades intelectuais. O catolicismo contrai e circunscreve o exercício destas mesmas faculdades. O cristianismo nos mostra Deus no seio de nosso ser, sem o auxílio das formas e das fórmulas. O catolicismo nos deixa diante de nós mesmos para encontrar o Deus oculto sob a aparência das cerimônias”.

A religião cerca tudo o que corresponde à divindade de “mistérios”, oculta-a de maneira condenável à contemplação direta dos fiéis, um Deus que, no entanto, tem sua morada no coração do homem:

“O cristianismo não tem nenhum mistério e isso, inclusive, o repugnaria, já que por essência o cristianismo é evidente e universal claridade. O catolicismo está repleto de Mistérios e descansa em bases veladas. A esfinge pode ser colocada no umbral dos templos construídos pela mão dos homens mas não pode assentar-se no umbral do coração do homem que é a autêntica porta de entrada do cristianismo. O cristianismo é o fruto da árvore, o catolicismo só pode ser o adubo”.

Se o cristianismo propõe uma relação imediata, livre e aberta com Deus, a religião encerra, rejeita e confina as almas em comunidades fechadas no deserto, em estruturas regidas por regras que constroem, que não são propícias à circulação generosa e espontânea das essências divinas:

“O cristianismo não faz nem monastérios, nem anacoretas, porque não pode isolar-se, assim como também a luz do sol, mas busca como ela (a luz do sol), expandir por todas as partes seu esplendor. Foi o Catolicismo que povoou os desertos de solitários e as cidades de comunidades religiosas, uns para dedicar-se mais frutuosamente a sua salvação particular, outros para oferecer ao mundo corrompido imagens de virtude e piedade que o despertem de sua letargia”.

O cristianismo, que só vive para e na unidade, não estende seu reino pela divisão, pelas condenações, pelos cismas, pelos grupos inimigos, pelas lutas fratricidas, pelas exclusões, conjunto sempre em luta, nutrido pela hostilidade, feito de rupturas permanentes que são o patrimônio constante da religião católica desde séculos:

“O cristianismo não tem nenhuma seita, já que abraça a unidade, e a unidade, sendo uma, não pode ser dividida por si mesma. O catolicismo viu nascer em seu seio multidões de cismas e seitas que incrementaram mais o reino da divisão do que o da concórdia. E esse catolicismo, mesmo quando se crê no mais perfeito grau de pureza, mal encontra duas pessoas cujas crenças sejam uniformes”.

As cruzadas bélicas, apoiadas e muito com frequência fomentadas e organizadas pela Igreja, estão afastadas do espírito do cristianismo, cujo objetivo é a felicidade de todos os seres:

“O cristianismo nunca teria empreendido cruzadas. A cruz invisível que leva em seu seio, só tem por objetivo o alívio e a felicidade de todos os seres. Foi uma fraca imitação deste cristianismo, para não dizer pior, que inventou essas cruzadas. Foi o catolicismo que as adotou depois: mas foi o fanatismo que as encomendou; foi o jacobinismo que as formou; foi o anarquismo que as dirigiu e foi o vandalismo que as executou. O cristianismo só suscitou a guerra contra o pecado; o catolicismo a fomentou contra os homens”.

O cristianismo, que leva o homem ao status dos ministros do Senhor, não conhece instituição alguma, não tem marco legal e trabalha no coração do homem com uma expansão contínua e ilimitada da fé. Ao contrário da religião, que só se apoia na lei da qual faz sua única fé.

“O cristianismo só caminha por experiências seguras e contínuas; o catolicismo só funciona por autoridades e instituições. O cristianismo é a lei da fé, o catolicismo é a fé da lei. O cristianismo é a instalação completa na alma do homem do status de ministro e obreiro do Senhor. O catolicismo limita o homem a cuidar de sua própria saúde espiritual”.

A religião está tão submetida às formas que separa o homem de Deus e, sobretudo, faz perder de vista a meta a ser alcançada pelas almas enamoradas do Céu:

“O cristianismo une sem parar o homem a Deus, eles que são, por sua natureza, dois seres inseparáveis. O catolicismo, ao empregar às vezes a mesma linguagem, alimenta o homem com tantas formas que o faz perder de vista sua meta real e o deixa tomar ou contrair numerosos hábitos que nem sempre favorecem seu verdadeiro avanço”.

O cristianismo está estabelecido sobre o encontro íntimo entre Deus e a alma, é a experiência concreta, sutil e silenciosa da Presença divina no íntimo da criatura. Enquanto que a religião, que depende do exterior, tão conforme com as leis deste mundo condenado ao tempo e ao espaço, só descansa no ofício cerimonial da eucaristia, forma aparente do santo sacrifício. Enquanto que o Divino Reparador se entrega a cada um de seus eleitos, mas substancialmente no interior, num ato sagrado de imolação não ostensível de seu corpo e de seu sangue, fazendo que as santas espécies que prometeu a seus discípulos pedindo-lhes conservar a sua memória², são conferidas de forma muito espiritual.

“O cristianismo descansa na palavra não escrita. O catolicismo descansa em geral na palavra escrita, ou no evangelho, e particularmente na missa. O cristianismo é uma ativa e perpétua imolação espiritual e divina, seja da alma de Jesus Cristo ou da nossa. O catolicismo, que descansa particularmente na missa, só oferece, para isso, uma imolação ostensível do corpo e do sangue do Reparador”³.

A conclusão desta longa lista que constitui o “quadro das diferenças entre o cristianismo e a Igreja” acaba pela insistência nas dimensões absolutamente diferentes que separam cristianismo e religião: um toca a eternidade, a outra está submetida ao tempo terreno, sendo só um o meio imperfeito para alcançar o Céu, autorizando assim o verdadeiro cristão a fazer um juízo procedente de seu conhecimento interior que distingue o relativo do fundamental, religiosidade humana de culto do Santuário divino:

“O cristianismo pertence à eternidade. O catolicismo pertence ao tempo. O cristianismo é o termo. O catolicismo, apesar de sua majestade imponente de solenidades, apesar da santa magnificência de suas admiráveis orações, não é senão o meio. Finalmente, é possível que haja muitos católicos que não possam ainda julgar o cristianismo; mas é impossível que um verdadeiro cristão não seja capaz de julgar o que é o catolicismo, ou o que deveria ser”.

¹ Todas as passagens citadas do “Quadro das diferenças do cristianismo e do catolicismo”, procedem do Ministério do Homem-Espírito, 3ª parte: “DA PALAVRA”, de 1802. A Introdução deste livro traz uma advertência: “cada vez que um homem de desejo sente-se apremiado a fazer ouvir sua voz aos mortais, não pode deixar de gritar: oh verdade santa, que lhes direi? Fizeste de mim uma desgraçada vítima, destinada a suspirar em vão para sua felicidade. Acendeu em mim um fogo ardente, que consome todo meu ser: sinto zelo pelo descanso da família humana, ou melhor, uma necessidade imperiosa que me obceca e me consome. Não posso nem evitá-lo nem combatê-lo, do muito que me atormenta e me domina. Para cúmulo dos males, este zelo desafortunado está limitado a alimentar-se com sua própria substância, e a devorar-se a si mesmo, por falta de encontrar onde saciar a fome que me deste, da paz das almas (...) Aquele que vai publicar esta obra compartilhou, às vezes, as angústias dos homens de desejo. Compartilha os votos pela felicidade da família humana e vai tentar conduzir os olhares dos mortais para o quadro do que veem como a fonte de seus males, e sobre o objetivo que teriam que cumprir no universo, na qualidade de imagens do princípio supremo; pois é ao homem que dirige o fruto de suas veladas. Se, ao homem, que já é só uma fonte de amargura, já que só expande uma luz de dor; homem, objeto mais querido de meu coração, depois desta soberana fonte, que sem dúvida é composta pelo

mesmo amor, já que seu testemunho mais eloquente é o doce e sublime privilégio que me deu poder amar-te, es tu mesmo a quem chamo hoje para apoiar minhas ações; es tu a quem convoco à mais legítima e mais respeitável das associações, que tem por objeto expor ante meus semelhantes o quadro de seus verdadeiros títulos e fazer que, impactados pela grandeza de sua origem, não descuidem para fazer reviver seus privilégios e recobrar sua ilustração”.

² “E tendo tomado o pão e dado graças, o partiu e o deu a seus discípulos, dizendo: isto é meu corpo, o qual vos é dado: fazei isto em memória de mim” (LUCAS XXII, 19). A este respeito, as Santas Escrituras estão fundadas em atos comemorativos que tem por vocação perpetuar a lembrança de Deus em sua relação com os homens, pelo que a Ceia se localiza perfeitamente no marco bíblico histórico. A celebração da Páscoa - em meio de muitos outros eventos: a fumaça que se elevava até Deus e devia evocar a recordação de sua graça (Números V:26), a lembrança do Sabbat com o fim de respeitar o dia de descanso de Deus (Êxodo XX:8; Levítico XIX:3); a obediência aos mandamentos de Deus (Números XV:39) é o exemplo mais chamativo: “É a Páscoa do Eterno. Esta noite percorrerei o país do Egito e golpearei os recém nascidos do Egito, desde os homens até o gado; exercerei juízos contra todos os deuses de Egito. Sou o Eterno. O sangue vos servirá de sinal nas casas onde morais: verei o sangue, passarei por cima de vós, e não haverá sobre vós praga exterminadora quando golpeie o Egito. Este dia será para vós memorável, e celebrareis como uma festa perpétua em cada geração. Durante sete dias, comereis pães ázimos. Desde o primeiro dia, suprimireis a levedura de vossas casas; posto que quem quer que coma pão fermentado até o sétimo dia, será expulso de Israel. No primeiro dia, tereis uma santa convocação e no sétimo dia também tereis uma santa convocação. Não fareis nenhum trabalho nestes dias; só podeis preparar o alimento de cada pessoa . Guardareis a festa dos ázimos, posto que é neste exatamente preciso que tirei vossas tropas do país do Egito; observareis este dia como uma prescrição perpétua por todas as gerações. O primeiro mês, desde a tarde do dia catorze do mês até a tarde do dia vinte e um, comereis pães ázimos” (Êxodo, XII:11-18).

³ Saint-Martin, nesse momento do “Ministério do Homem-Espírito”, utiliza este argumento para assinalar que a maneira como a religião faz descansar principalmente sua prática sobre a eucaristia não está relacionada com a essência do sacerdócio evangélico, o qual recorda as posições de alguns reformados radicais que chegaram a conferir pouca importância à missa e rejeitaram seu caráter misterioso, quase “mágico” a seus olhos, privilegiando principalmente a efusão do Espírito Santo no plano religioso. “O cristianismo só pode ser formado pela raça santa que é o homem primitivo, ou pela verdadeira raça sacerdotal. O catolicismo, que descansa particularmente na missa só estava, durante a última Páscoa de Cristo, nos graus iniciais deste sacerdócio. Porque o Cristo celebrou a Eucaristia com seus Apóstolos e lhes disse: fazei isto em memória de mim. Já tinham recebido o poder de rejeitar os demônios, curar os enfermos e ressuscitar aos mortos, mas ainda não tinham recebido o complemento mais importante do sacerdócio, já que a consagração do sacerdote consiste na transmissão do Espírito Santo e o Espírito Santo ainda não tinha sido concedido, porque o Reparador ainda não tinha sido glorificado (João 7:39). O cristianismo se faz um contínuo incremento de luzes, desde o momento em que a alma do homem é admitida nele. O catolicismo que fez da santa Ceia o mais sublime e último grau de seu culto, deixou que o véu se estendesse sobre esta cerimônia e, inclusive, como mencionei quando falei dos sacrifícios, acabou por incluir no canon da missa as palavras MYSTERIUM FIDEI, as quais em absoluto estão no Evangelho e contradizem a universal lucidez do cristianismo”.

FIM
